

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"Não renunciarei."
(Até quando Michel
Temer sustentará
esse estandarte?)

O grito é de todos

► **Não há quem não concorde: fora Temer. Associam-se encantados os seus ex-amigos, correligionários e sabujos globais**

Agressividade da palavra de ordem "Fora Temer", um norte dedicado essencialmente à militância do Partido dos Trabalhadores e aliados, após um longo ano do governo-tampão do PMDB adapta-se perfeitamente agora à voz de qualquer cidadão indignado.

O ex-vice-presidente perdeu definitivamente as condições políticas e morais de permanecer no cargo de presidente da República, para o qual foi projetado a partir do golpe contra Dilma Rousseff. Disposto a enfrentar o terremoto, ele insiste em ficar na Presidência. Bateu o pé. Por isso vai virar suco.

Até que a bomba explodisse no colo de Temer havia na cúpula do PMDB uma alegria, ainda contida, com a possibilidade de transformar o atual presidente em candidato à reeleição. Nos dias circulares a 12 de maio, a

agenda de Temer esteve tomada por entrevistas para jornais, rádios e tevês. Ele falou o que quis e o que não quis. Para uma emissora de tevê ele, atacado pelo fogo amigo, respondeu sobre a possibilidade de disputar a eleição presidencial em 2018: "Não tenho nenhuma intenção de continuar na atividade política". Na sequência da resposta tropeçou, como de costume. Emergiu do íntimo dele esta revelação: "Eu só espero que as reformas deem certo e que não haja necessidade de pedir para eu continuar".

Esse sonho virou pesadelo. Os peemedebistas desconsideraram a dificuldade de Temer sobreviver às traquinagens da política, desmascaradas ora pelos empreiteiros, como a Odebrecht, ora pela poderosíssima JBS, a Friboi.

Exceto em algumas referências negativas banais, a imprensa tupiniquim pró-golpe louvou o primeiro ano de governo. Não há registro, no entanto, de que o presidente da República tenha sido procurado pela mídia estrangeira. Talvez os correspondentes internacionais tenham sido contidos por uma barreira de constrangimento político. Como Temer poderia explicar o golpe dentro das regras de um regime democrático?

O nome do presidente-tampão, sem votos, foi incluído em algumas pesquisas feitas ao longo desses 12 meses. Testado para a disputa presidencial, sem golpe, ele alcançaria no máximo 2 pontos, se a eleição fosse hoje. Isso tudo acabou.

A reação, representada pelo PSDB, PMDB e DEM, entre outras siglas menores, a cada dia se desmancha mais. Forçado a se licenciar da presidência dos tucanos, Aécio Neves deixa o caminho aberto para os potenciais candidatos paulistas: o governador Geraldo Alckmin e o prefeito João Doria Junior.

Há vagas abertas para disputar a Presidência de 2018. Michel Temer perdeu a chance, o espaço político, no entanto, nunca fica vazio. •

O caminho está
aberto para
estes senhores



ALEXANDRE CARVALHO/AZING/FOTOS PÚBLICAS E ADÃO NASCIMENTO



O tempo promissor em que o neto carregava a maleta do vovô

Adeus, Aécio!

Dizem que Tancredo Neves, o avô de Aécio, cunhou a frase: “A Presidência é destino”.

O neto nunca acreditou nisso. É, de fato, apenas uma lenda política.

Aécio sempre jogou pesado, como provam agora os documentos da Lava Jato juntados à delação de Joesley Batista, dono da JBS.

Tancredo execrava os golpes. Ficou ao lado de Vargas e de Jango.

Se vivo fosse, com 107 anos de idade, excomungaria o golpe que Aécio ajudou a tramar.

Ficaria ao lado de Dilma e expulsaria o neto da política.

Para sempre.

Primeira vítima

Andrea Neves é a operadora do irmão Aécio.

Durante os sete anos dele como governador de Minas

– de 2003 a 2010 –, ela agia sob o disfarce de presidente do Serviço Voluntário de Assistência Social de Minas Gerais. Andrea, rigorosa administradora, dividia o poder com ele.

A casa do avô

No Rio de Janeiro, Andrea mora no apartamento que pertencia ao avô Tancredo Neves. Os 600 metros quadrados foram vasculhados pela Polícia Federal pouco depois de ser presa.

Ali também viveu Magalhães Pinto, outra figura de renome. Não se davam como vizinhos.

Tancredo era do velho PSD. Magalhães militava na UDN. Eram ferrenhos adversários políticos em Minas Gerais.

Criador e criatura

Marina Silva, em plena crise, reaparece no cenário políti-

co após longa ausência.

Com o ar de enganada, garantiu que não votaria mais em Aécio Neves para presidente, como fez em 2014.

A ambientalista chutou um tucano politicamente morto.

Aécio votaria nela pelo princípio da reciprocidade?

Em certos cenários, as pesquisas de hoje dão a Marina uma possibilidade de disputar o segundo turno da eleição.

Possivelmente, com Lula.

Caso seja assim, será um confronto emocionalmente difícil para ela, egressa do PT e duas vezes ministra do ex-presidente.

O medo de Temer

Temer tem repetido que “não renunciará” e que, também, não “vai cair”.

Não são frases de coragem, mas sim de medo.

Caso faça qualquer um desses movimentos, perde a blindagem oferecida pelo cargo.

Mesmo resguardado, seus atos poderão ser investigados.

Zombeteiro

O deputado Silvio Costa, do PTdoB, é um parlamentar atento aos interesses em jogo.

Após muito conversar, percebeu que, quando os temas são as mudanças na reforma trabalhista e na Previdência Social, os deputados falam muito no gerúndio.

Ou seja: “Estou pensando”, “estou achando”, “estou conversando”, e por aí afora.

Juízes, juízo

Certa vez, o ministro Gilmar Mendes definiu, com alguma precisão, o caráter da Justiça brasileira:

“É um manicômio judiciário.”

mauriciodias@cartacapital.com.br